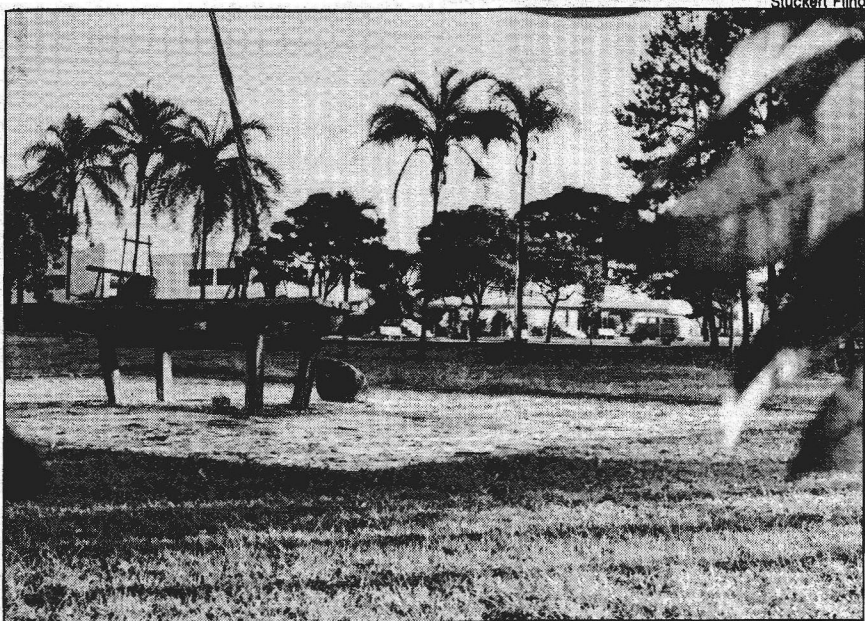


Entidades cultivam o regionalismo

Festas e assistência social atraem o público, mas o envolvimento permanente é pequeno



Casa do Ceará nasceu há 28 anos e é a melhor estruturada das entidades do gênero



Estância Gaúcha do Planalto mantém grupos de danças folclóricas



Casa do Maranhão luta para implantar creche e escola profissionalizante

Enquanto Brasília ainda busca uma identidade cultural que a personalize perante o País, há na cidade entidades que nasceram justamente para preservar as tradições de seus estados, evitando que suas culturas venham a se diluir nessa mistura de povos e raças formada há 32 anos. Em alguns casos, buscou-se ampliar as funções de conagração da colônia, trabalhando-se na filantropia e na assistência social às comunidades carentes — nesse caso, seja ela oriunda de qualquer lugar do País.

As chamadas "casas dos estados" já conseguiram até mesmo incorporar festas típicas de suas regiões no calendário oficial de eventos da cidade. Atividades como a Noite Cearense, a Semana Farroupilha ou mesmo a Festa de São José de Ribamar deixaram de ser festas somente de cearenses, gaúchos e maranhenses, respectivamente, e já chegam a concorrer, em quantidade de público, com a Festa dos Estados, a maior festa popular da cidade. Por trás dessas promoções aparece, ainda que só parcialmente, o trabalho a que a Casa do Ceará, a Estância Gaúcha do Planalto e a Casa do Maranhão se dedicam.

Cearenses a laçada

Nascida depois de uma feijoada, há 28 anos, a Casa do Ceará é a mais bem estruturada das três casas de estados que hoje têm sede social em Brasília. Ocupando um terreno de 30 mil metros quadrados na 909 Norte, a entidade surgiu com o caráter essencialmente assistencial. Hoje tem quatro departamentos estruturados para cumprir essa meta (saúde, educação, assistência social e esporte) e procura, segundo sua presidente, Maria Calmon Porto, intensificar o conagração da colônia cearense na cidade. "Nossos associados são catados a laçada", queixa-se a presidente, mostrando um cadastro de pouco mais de 1,2 mil associados.

Em torno de almoços mensais em que se come baião-de-dois, paçoca, sarapatel, galinha à cabidela e carneiro, somente 200 pessoas têm participação efetiva na entidade. Na Noite Cearense, que acontece em agosto e é aberta ao público em geral, ano passado foram 17 mil pagantes. "Há um receio de que o cadastrado seja obrigado a contribuir com nossas obras, como o asilo para 40 idosos. Mas nada aqui é compulsório", diz Maria Calmon. Para modificar esse caráter e buscar mais participação, a meta agora é construir uma piscina olímpica, que servirá de terapia para os idosos e de ponto de lazer — portanto de reunião de colônia — nos finais de semana.

A falta de um envolvimento maior da colônia é justamente o grande problema enfrentado hoje pela Casa do Maranhão, localizada na 914 Sul. Soma-se a isso uma questão jurídica, que deixou, desde julho passado, a entidade sem uma diretoria constituída. "A estrutura está pronta, só falta fazer funcionar", conta Epitácio Silva de Carvalho, um voluntário que dedica parte de seu tempo às obras assistenciais prestadas no Centro Humanitário da casa. Dos quatro mil associados, somente 600 mantêm o pagamento da taxa mensal — simbólicos Cr\$ 1 mil.

Mas, alheia a essa dificuldade, que impede o funcionamento de uma creche com 75 leitos e de uma escola profissionalizante com capacidade para 300 alunos (ambas totalmente equipadas), a colônia maranhense não abandonou suas tradições e seu folclore. Num barracão de madeira acontece no último domingo de setembro a Festa de São José de Ribamar, padroeiro de São Luís e da casa brasiliense, onde se come caranguejo, arroz-de-crixá e sarabulho e se bebe suco de bacuri e de buriti. A renda da festa é repassada para o funcionamento das clínicas odontológica, pediátrica e de psicologia que funcionam no local, cobrando preços simbólicos a toda a comunidade e que atende mil pessoas por mês.

Pedaco do sul

Diferenciando-se um pouco de suas correlatas do Nordeste, a Estância Gaúcha do Planalto, localizada numa área de 10 mil metros quadrados defronte ao Carrefour, busca essencialmente manter o perfil artístico, social e cultural da comunidade do Rio Grande do Sul. "Pretendemos que isso aqui seja um pedaco do Rio Grande", diz Maria Cleuza Guerra, diretora artística da Estância e responsável pelos seus eventos, em especial pelos grupos de dança: um infantil, com 25 componentes, e outro jovem, com 38. Ao passo da chimarrita, do balaio e de tiranas, os grupos já conseguiram até prêmios no exterior, ao representar Brasília e o Brasil em festivais.

Mas nem só de dança vive a Estância. Em torno dela acontece, às sextas-feiras à noite, o chimarrão cultural. Aos domingos, além do jogo de bocha, do futebol **society** e piscina, tem churrasco para sócios, que no segundo domingo do mês vira uma festa mais concorrida. A maior delas é a Semana Farroupilha, em meados de setembro, em que são programadas diversas atividades culturais. Assim como as demais casas, a Estância Gaúcha do Planalto cobra a participação mais efetiva da colônia. "Temos 309 associados e podemos chegar a 500", contabiliza Maria Cleuza.